PROFESSOR JOSÉ ANTÓNIO PINHEIRO E ROSA
Director dos Museus Municipais de Faro

MUSEU ANTONINO

Separata dos «ANAIS DO MUNICÍPIO»
FARO — 1978

Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de Documentação

DE ESTUDANTE A
VOZES DE BRONZE
UM ANTIFONARIO
GUIA DO VISITANT aro de Valadares)
— 1949 — esg
A FREGUESIA DA C — Tavira — 1951
UM ARTISTA ALGA

ARTE SACRA EM TAVIRA — Edição da Comissão Municipal de Turismo, de Tavira — 1966

A IGREJA PAROQUIAL DE MARTINLONGO — in «Povo Algarvio», de Tavira — 19/3 e 26/3/967

SÃO PEDRO NA ARTE RELIGIOSA DO ALGARVE (sob o pseudónimo de Alvaro Pais) in «Correio do Sul», de Faro, de 1/6 a 13/7/967

LAPIDES ARABES DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DO INFANTE D. HENRIQUE (em colaboração com Martim Velho) — separata de «O Algarve», de Faro — 1968

O ÓRGÃO DA SÉ — in «Folha do Domingo», de Faro, de 18/10 a 15/11/969

O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO DAS RUINAS DO MILREU — in «Anais do Município de Faro» — 1969

HISTÓRIA DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE FARO — in «Anais do Município de Faro» — 1969

HISTÓRIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO INFANTE D. HENRIQUE — in «Anais do Município de Faro» — 1969

A IGREJA DE SANTO ANTONIO DOS CAPUCHOS — Separata dos «Anais do Município de Faro» — 1969

TRÊS PESSOAS E UM MUSEU — Separata dos «Anais do Município de Faro» — 1969

ROTEIRO DAS RUÍNAS DE MILREU — Separata dos «Anais do Município de Faro» — 1969

VISITA A COLECÇÃO «FERREIRA D'ALMEIDA» — Separata dos «Anais do Município de Faro» — 1970 — esgotado

VISITE A LA COLECCION «FERREIRA D'ALMEIDA» — 1970

VISIT TO THE COLLECTION OF FERREIRA D'ALMEIDA — translated by V. M. P. R. — 1970

REMBRANDT NA COLECÇÃO «FERREIRA D'ALMEIDA» — in «Anais do Município de Faro» — 1971

PROCISSÕES DE FARO — Separata dos «Anais do Município» — Faro — 1972

ROTEIRO DAS RUÍNAS DO MILREU — Edição turística — 1974

QUATRO MESES COM ESTÁCIO DA VEIGA — estudo arqueológico-bibliográfico — in «Anais do Município» — N.os II, III, IV, e V.

A IGREJA DE SANTA BÁRBARA DE NEXE — Separata dos «Anais do Município» — 1974

INCUNÁBULOS E MANUSCRITOS DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE FARO — in «Anais do Município» — 1975

AS MURALHAS DE FARO — Separata dos «Anais do Município de Faro» — 1975

NOVAS ACHEGAS PARA A LOCALIZAÇÃO DE OSSÓNOBA — Separata dos «Anais do Município de Faro» — 1976

A CATEDRAL DO ALGARVE E O SEU CABIDO — TEMPOS DE OSSÓNOBA — Separata dos «Anais do Município de Faro» — 1976

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DAS «BODAS DE DIAMANTE» DA BIBLIOTECA MUNICIPAL — 1977

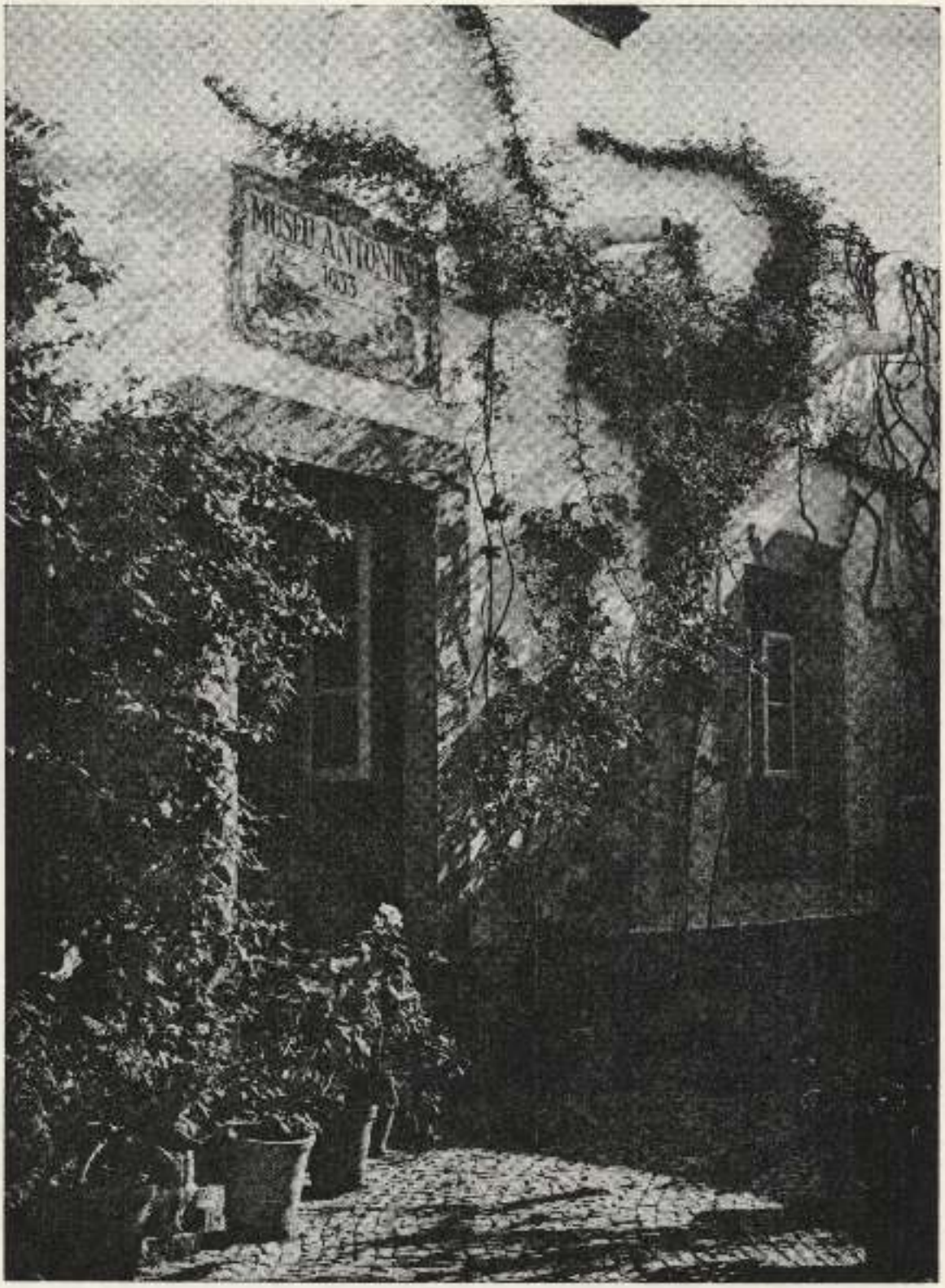
Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de Documentação

CASA DA CULTURA ANTÓNIO BENTES

MUSEU ANTONINO

pelo Prof. PINHEIRO E ROSA

Casa da Cultura António Bentes
Biblioteca


MUSEU ANTONINI
1933

Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de Documentação

Na sessão camarária de 23 de Junho de 1932, o Presidente de então, Dr. Mário Lyster Franco, depois de considerar que a igreja de Santo António do Alto constitui, pelo seu panorama, um dos mais frequentados pontos da cidade, além das recordações históricas que lhe andam ligadas, propôs que ela fosse convenientemente reparada, ajardinando-se o seu pequeno claustro, preparando-se as casas anexas em parte para serem habitadas pelo guarda da igreja e «instituindo-se na outra que delta directamente sobre o claustro um pequeno Museu Antonino em que sejam recolhidos todos os objectos relativos à vida e culto do padroeiro». Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

Estava **concebido** o Museu Antonino. Quando saíu à luz?

Não há um documento expresso sobre a sua inauguração, mas, como existe um ofício para a Inspecção Geral dos Museus, donde consta que a Câmara «instituíu um Museu Antonino», e tem a data de 1934, conclui-se que foi 1933 o ano da instituição e certamente nos últimos meses, visto que o primeiro livro de visitantes foi iniciado só em Fevereiro de 1934 e por sinal quem o iniciou foi o Professor Oliveira Salazar, que nesse dia visitou o museu na companhia de personagens gradas da governação pública. De resto, num azulejo do claustro, lê-se a data: 1933.

Em 27 de Outubro de 1934, foi nomeado seu Conservador o Dr. Justino de Bivar Weinholtz. Uma das razões para esta nomeação foi ele ser já conservador do Museu Arqueológico e ultimamente terem sido colocados em Santo António do Alto alguns quadros desse museu, «por necessidade de descongestionamento». Por morte do Dr. Bivar, ninguém foi nomeado conservador, presumindo-se que tivesse passado a sê-lo o seu sucessor no Museu Arqueológico, Dr. Mário Lyster Franco.

Quando, em 1966, foi encarregado desta instituição o actual director dos Museus Municipais, este museu encontrava-se abandonado, e nem catálogo tinha. O catálogo foi elaborado em 1969 e encontra-se na fase de **amadurecimento** para um dia ser publicado.

Tem tido este Museu alguns grandes Amigos, mandando a justiça destacar, além do nome do Fundador, Dr. Mário Lyster Franco, o do Dr. Amadeu Ferreira de Almeida, doador de muitas das mais valiosas peças nele existentes.

Casa da Cultura António Bentes
Biblioteca

Muitos visitantes ilustres têm passado por este pequeno Museu, que toda a gente que visita o miradouro da capela se sente na obrigação, e sente depois o prazer de visitar. Para exemp'o, cito o nome de quatro bispos (quase um sínodo!), acorridos três no mesmo dia (12/2/934 — D. Manuel, Arcebispo de Évora, D. José do Patrocínio, Bispo de Beja, e D. Marcelino, Bispo do Algarve; e o quarto, oito dias depois (19/2/934) — D. Ernesto, então Arcebispo de Mytilene, e mais tarde de Coimbra.

Não se pode chamar a estas indicações a história do Museu, que, como as nações jóvens, não tem história. São simplesmente — os seus documentos.

Posso juntar-lhes mais — o número de visitantes nos últimos anos. Em 1967, foi visitado por 834 pessoas. Em 1968, por 2655. Em 1969, por 6271. Em 1970, por 16333. Em 1971, por 13341. Em 1972, por 14025. Em 1973, por 11828. Em 1974, por 10285. Em 1975, por 11978. Em 1976, por 12793.

Das 345 peças que actualmente o constituem vou referir-me a algumas mais notáveis sem preocupações de sistemática.

Chamo a atenção, antes de mais nada, para uma grande tela — cópia de um retrato existente na Casa de Santo António «inspirado num **fresco giottista**, que se admira na Basílica de Pádua». Tradição antiquíssima considera esta imagem como reproduzindo as **verdadeiras** feições do santo.

Merecem atenção outras pinturas: um quadro pintado sobre cobre — a Virgem com o Menino e Santo António, oferta do Dr. Ferreira de Almeida; Aparição do Menino Jesus ao santo — tela que veio dos Capuchos; mais dois quadros um deles em tábua, ambos ofertas do Dr. Ferreira de Almeida, sendo de lamentar que nem Doador nem Fundador tivessem tido a elementar curiosidade museológica de mencionar a proveniência das peças.

De um e outro lado da janela que dá para a rua, imagens do santo. Uma de madeira, que julgo do século XVII, esteve muitos anos em casa do doador, para quem era, segundo ele dizia, um vizinho muito apreciado. A outra é de cerâmica, com 1,11 m de altura, e saiu do atelier de Rafael Bordalo Pinheiro. Há dele mais peças, mais pequenas, reprodução do mesmo mode'o. E também é de sua autoria um interessante grupo com a cena da bilha junto ao poço.

Nas diversas vitrinas parietais e fora delas, sobre mísulas, há uma grande quantidade de estatuetas, umas populares, outras de artistas, em madeira, barro, em cerâmica e até em metal.

Grande número de azulejos modernos ornam as paredes, desde um quadro com doze peças, até aos populares, quase todos enfeitados com sua quadra, mais ou menos galhofeira.

No meio da sala, um curioso aquário de cerâmica que pretende representar S. António pregando aos peixes. Um outro aquário-floreira tem a imagem do santo no fundo.

Figuram nas vitrinas uma grande quantidade de livros e opúsculos, em que se conta, como não podia deixar de ser, o Sermão de Santo António aos Peixes, do Padre António Vieira. Mas outros lhe fazem companhia e em muitos géneros, até ao irreverente e pitoresco. Deste último é exemplo frisante, pelo gongorismo da linguagem, uma Vida de Santo António de Lisboa, por Fr. Braz de Abreu, cujo título se reproduz: «Sol nascido no Occidente e Posto ao Nascer do Sol», que parece mesmo um ornato rocócó...

Existe uma colecção, lamentavelmente incompleta, do Almanaque de Santo António, com algumas dezenas de volumes. Ao lado dela há revistas, separatas fictícias, folhas e outros escritos relacionados com o egrégio doutor lusitano. Até alguns exemplares de músicas publicadas com o seu nome ou sob a sua égide.

Devo chamar a atenção para as fotografias de todas as igrejas importantes do Algarve dedicadas a Santo António, colocadas ao longo das paredes.

As medalhas são às dúzias, de variadíssimos tamanhos, feitios, matérias e valores artísticos.

Numerosos, diversificados e de muito interesse são também os **registos** que a devoção tem idealizado em honra do glorioso taumaturgo e as vitrinas deste museu apresentam à curiosidade dos visitantes. Muitos são miniaturas de algumas das gravuras que aparecem emolduradas nas paredes.

Ainda não fiz referência às loiças: pratos, travessas, jarros, em que a piedade e às vezes o satirismo popular quiseram homenagear aquele que, não se sabe por que artes mágicas, de franciscano austero se transformou em frade galhofeiro.

E mais coisas, algumas absolutamente inesperadas, se guardam neste curioso museu, durante muito tempo o único no género em Portugal. Uma delas — dois vigésimos da lotaria de Santo António, de 9 de Junho de 1950. Não se diz que sejam **artísticos,** mas é incontestável que seriam um **tesouro** para quem com eles ganhasse o prémio. Por isso aqui se deixa o número, a ver se o santo a alguém faz o **milagre**: «É o 1600»!

PINHEIRO E ROSA

Imagem do Séc. XVIII

Altar da igreja de S. António

Casa da Cultura António Bentes
Biblioteca